

GEL MAGALHÃES BASTOS

ENTRADA



bairro

Magalhães Bastos

parabéns

110 ANOS

Caderno Cultural

Magalhães Bastos é mais do que um bairro no mapa do Rio de Janeiro. É um território de lutas, fé, transformação e pertencimento. Suas ruas e praças carregam séculos de histórias — desde os tempos coloniais, passando pela força da economia açucareira, até a presença marcante do Exército e a resistência da comunidade frente às mudanças urbanas.



Magalhães Bastos – Das Sesmarias ao Coração da Zona Oeste

Autor: Rogério Silva – Historiador e morador local

Introdução

Magalhães Bastos é mais do que um bairro no mapa do Rio de Janeiro. É um território de lutas, fé, transformação e pertencimento. Suas ruas e praças carregam séculos de histórias — desde os tempos coloniais, passando pela força da economia açucareira, até a presença marcante do Exército e a resistência da comunidade frente às mudanças urbanas.

Esta obra é um convite para caminhar pelo tempo, conhecer personagens que moldaram o bairro e entender como a memória coletiva é fundamental para preservar a identidade local. Cada capítulo revela camadas dessa história viva, feita de permanências e transformações.





Sumário

- *Antes de Magalhães Bastos: A Freguesia de Irajá*
- *Sapopemba: Um Engenho que virou História*
- *Conde Sebastião do Pinho: Das Terras do Engenho ao Território Militar*
- *Vila Militar: A importância da construção para o surgimento de Magalhães Bastos*
- *Tenente-Coronel Antônio Leite Magalhães Bastos: O militar construtor que deu nome ao bairro*
- *Magalhães Bastos: Assim surgiu um bairro na Zona Oeste*
- *Manoel Guina: Voz e raiz de um bairro*
- *Padre João Cribbin: Fé, voz e presença em Magalhães Bastos*
- *Um bairro que guarda o tempo e abraça o futuro*
- *Entre trilhos e resistência: A travessia diante da Transolímpica*
- *O brasão de Magalhães Bastos: Uma identidade em cores e símbolos*
- *Entre desafios, promessas e esperança*

Antes de Magalhães Bastos: A Freguesia de Irajá

No século XVII, a região que hoje conhecemos como Magalhães Bastos fazia parte da antiga e poderosa Freguesia de Irajá, uma das primeiras divisões do Rio de Janeiro colonial. Ali, vastas propriedades rurais e engenhos de açúcar moldavam a paisagem e o ritmo da vida.

Foi nesse cenário que, em 1612, nasceu o Engenho Sapopemba, criado por Gaspar da Costa. Entre o Gericinó e a Água Branca, essa propriedade logo se destacou como produtora de açúcar, rapadura e aguardente — riquezas que moviam a economia da época. Mas essa prosperidade se sustentava no trabalho forçado de africanos e indígenas escravizados, cujas histórias se perderam no tempo, mas que foram essenciais na formação do território.

O ciclo do açúcar deixou marcas profundas: moldou caminhos, estabeleceu relações sociais e deu início à ocupação de um solo que, séculos depois, abrigaria um bairro cheio de identidade.

Sapopemba: Um Engenho que virou História

Durante os séculos XVII e XVIII, o Engenho Sapopemba era um polo de produção agrícola e social. Não era apenas um espaço de cultivo, mas um verdadeiro complexo autossuficiente: produzia açúcar, rapadura e aguardente, possuía senzalas, uma capela e a imponente casa-grande.

Em 1777, as terras pertenciam a Dona Ana Maria de Jesus, viúva do capitão João Pereira de Lemos, também proprietária da vizinha Fazenda Capoeiras. A monocultura açucareira e o trabalho escravizado ainda dominavam a economia.

Mas, ao longo do século XIX, o declínio da produção de açúcar e as transformações sociais puseram fim à prosperidade do engenho. A paisagem de campos produtivos começou a dar lugar a terras ociosas, abrindo caminho para um novo capítulo na história local.



Conde Sebastião do Pinho: Das Terras do Engenho ao Território Militar

Com o fim do ciclo do açúcar, as terras do Sapopemba passaram por mãos diferentes até chegarem ao Conde Sebastião do Pinho. Sem condições de recuperar a produção agrícola, o conde vendeu parte da propriedade ao Ministério da Guerra.

Essa transação mudou para sempre o destino do território: onde antes havia campos e engenhos, começava a se desenhar o futuro complexo da Vila Militar. A chegada da estrutura militar mudaria a paisagem, a economia e a vida da região, marcando o início de uma identidade ligada à disciplina e à presença do Exército.



Vila Militar: A importância da construção para o surgimento de Magalhães Bastos

A partir de 1908, o cenário rural começou a mudar radicalmente. O Ministério da Guerra deu início à construção da Vila Militar, o maior complexo militar da América Latina. A transformação foi imediata: novas ruas, edifícios, empregos e infraestrutura alteraram a paisagem e a dinâmica da região.

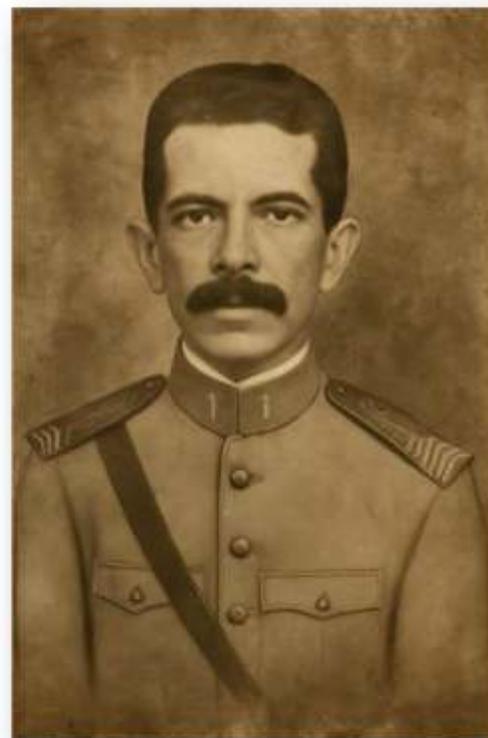
Entre os responsáveis por essa mudança, destaca-se o Tenente-Coronel Antônio Leite Magalhães Bastos, engenheiro militar e figura central para o surgimento do bairro. Sensível à realidade dos trabalhadores, ele articulou a doação de terrenos para que as famílias de operários pudessem fixar moradia ao redor do complexo militar. Assim nasceu a base de uma comunidade civil que cresceria em torno da Vila Militar, dando origem ao bairro que conhecemos hoje.



Tenente-Coronel Antônio Leite Magalhães Bastos: O militar construtor que deu nome ao bairro

Nascido em 2 de setembro de 1873, em Palmares (PE), Antônio Leite Magalhães Bastos foi engenheiro militar e líder de obras estratégicas no Brasil. Sua atuação no Rio de Janeiro, à frente das construções da Vila Militar, deixou um legado que ultrapassa o campo da engenharia.

Atento às condições de vida dos operários, promoveu a doação de terrenos para que pudessem construir suas casas. Essa ação silenciosa, mas transformadora, fortaleceu a comunidade nascente. Como reconhecimento, o bairro recebeu seu nome — não apenas como homenagem, mas como símbolo de gratidão.



Magalhães Bastos: Assim surgiu um bairro na Zona Oeste

A história do bairro reúne séculos de transformações: das terras férteis da Freguesia de Irajá, passando pela força do Engenho Sapopemba, até a construção da Vila Militar.

No início do século XX, com a presença militar consolidada e a ação de líderes como Magalhães Bastos, a comunidade cresceu, unindo trabalhadores, comerciantes e famílias. O bairro nasceu de um encontro entre passado rural e futuro urbano, carregando elementos culturais, militares e religiosos que permanecem até hoje.



Manoel Guina: Voz e raiz de um bairro

Português, mestre de obras, Manoel Guina chegou à região para trabalhar na construção da Vila Militar e decidiu ficar. Fixou-se no Morro do Capão, onde construiu sua casa e iniciou forte vínculo com a comunidade.

Fundou a Confraria de São José, que deu suporte espiritual aos moradores, e sua família doou o terreno para a criação do Esporte Clube São José. Guina é lembrado como símbolo de união, generosidade e fé.



Padre João Cribbin: Fé, voz e presença em Magalhães Bastos

Missionário irlandês da Congregação dos Passionistas, Padre João Cribbin assumiu a Paróquia de São José e se tornou figura fundamental na vida espiritual e social do bairro. Criou e acompanhou diversas comunidades e capelas, como Cristo Rei, Nossa Senhora do Brasil e Santa Clara.

Sua atuação foi marcada pelo trabalho nas pastorais sociais, defesa dos mais pobres e promoção da dignidade humana. Um verdadeiro construtor de pontes entre fé e vida.



Um bairro que guarda o tempo e abraça o futuro

Magalhães Bastos preserva marcos históricos como a estação ferroviária e a antiga Escola Rural, enquanto segue se adaptando às mudanças. É um bairro que mantém laços comunitários fortes, onde o passado serve de raiz para o presente e o futuro.



Entre trilhos e resistência: A travessia diante da Transolímpica

A construção da Transolímpica ameaçou parte do bairro, especialmente a Rua Salustiano Silva. A mobilização popular foi decisiva para alterar o traçado e preservar a maior parte das casas, embora perdas significativas, como a Casa Paroquial, tenham ocorrido.



O brasão de Magalhães Bastos: Uma identidade em cores e símbolos

Criado por Rogério Silva, o brasão sintetiza a história do bairro em três campos:

- *Mangueiras (origem rural)*
- *Cruz de Malta (fé e herança portuguesa)*
- *Castelo (engenharia militar e presença do Exército)*



Entre desafios, promessas e esperança

O bairro enfrenta questões como mobilidade, preservação histórica e cumprimento de promessas de melhorias feitas no período da Transolímpica. Mesmo assim, mantém sua essência acolhedora e solidária.



Referências Bibliográficas

MANSUR, André Luis. O Velho Oeste Carioca: Volume III. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

JORNAL O DIA. Em dia com seu bairro. Rio de Janeiro, set. 2002. Caderno especial.

BRASIL. Exército Brasileiro. Parque Regional de Manutenção/7 (Pq R Mnt/7) – Comando Militar do Leste. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro.

GUINA, Adhália. Entrevista concedida a Rogério Silva. Magalhães Bastos, jan. 2003.

SILVA, Rogério. Arquivo pessoal: fotografias, documentos e registros históricos diversos. Magalhães Bastos, RJ.

ACERVO pessoal de: Dona Adhália Guina; Jaiminho Camará; Ailton Marques.

ARQUIVO NACIONAL. Fotografias e documentos históricos referentes ao bairro de Magalhães Bastos. Rio de Janeiro.

AHEx (In: Comissão Constructora da Villa Militar, 1909). Coletado em jul-2025

Conclusões finais

Este trabalho representa mais do que um resgate documental — é uma afirmação de que a memória coletiva é um direito, e que nenhum território deve ser condenado ao esquecimento. O bairro de Magalhães Bastos, tantas vezes invisibilizado nos mapas oficiais e nas grandes narrativas urbanas, revelou-se um solo fértil de luta, fé, cultura e pertencimento.

Ao longo dos capítulos, buscou-se costurar fios históricos que vinham se desfazendo no tempo: as origens nas sesmarias da Freguesia de Irajá, o protagonismo do Engenho Sapopemba, a presença militar, os líderes comunitários, as perdas impostas pela Transolímpica, as celebrações populares no coreto, as vozes da religiosidade e da música. Tudo isso compõe um mosaico que, embora marcado por tensões e transformações, revela a riqueza de um lugar onde a identidade não se apaga — se reinventa.



Nota de Direitos Autorais

As informações históricas apresentadas neste material foram extraídas do livro:

SILVA, Rogério. Magalhães Bastos – Das Sesmarias ao Coração da Zona Oeste. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização do autor. As imagens utilizadas são de acervos pessoais, arquivos públicos e coleções privadas, sendo vedado seu uso para fins comerciais sem permissão expressa dos detentores dos direitos.

Expediente

Caderno Cultural – Magalhães Bastos

*Este material foi produzido pela **Rio Digital Marketing**, empresa especializada em criação de conteúdo, marketing digital e preservação da memória cultural de comunidades.*

Objetivo do Caderno Cultural:

Valorizar a história e identidade de Magalhães Bastos, fortalecendo a memória coletiva e incentivando a participação da comunidade em ações culturais, sociais e históricas.

Saiba mais:

Site da Rio Digital Marketing: <https://riodigitalmarketing.site>

Portal Magalhães Bastos: <https://magalhaesbastos.com.br>

Acompanhe e participe:

Facebook: facebook.com/bairro.magalhaesbastos.1

Instagram: instagram.com/magalhaesbastosoficial

Site oficial do bairro



Gestão do Conteúdo



Fale no WhatsApp

